

The background of the page is a close-up, slightly blurred image of several skeins of white yarn. The skeins are piled together, creating a textured, organic pattern of loops and strands. The lighting is soft and even, highlighting the fine details of the yarn fibers.

O que se perde no fundo do mundo

por GÉSSICA GOES

Na vegetação de clima árido de um pequeno e pobre povoado se passa a história de *Kenoma*, de 1998, primeiro longa-metragem dirigido por **Eliane Caffé**. Conhecemos o lugar através dos passos de Jonas (Enrique Díaz), um homem que anda à beira da estrada pedindo carona. Ele é guiado até a cidade de Kenoma por uma mulher de bicicleta, que depois descobre se tratar de uma moradora. Desde o primeiro encontro percebe-se uma atração entre os dois.

O primeiro ambiente nos apresentado é o bar do vilarejo, onde já é mostrado o tom de desesperança sobre o lugar através de uma frase de um dos habitantes para Jonas: “daqui não tem passagem não, homem, aqui é o fundo do mundo”. O viajante não deixa claro qual o seu objetivo em Kenoma, dando a impressão de que ele está a caminhar a esmo, passando sem planejamento por vários lugares esperando encontrar algo mesmo sem saber o que procura. Ainda no bar, Jonas tem contato com duas personagens importantes para a narrativa: Lineu (José Dumont), um morador com um sonho para a cidade: construir uma máquina de movimento contínuo, que funcione sozinha, na qual vem trabalhando por 20 anos sem sucesso, e Gerônimo (Jonas Bloch), o dono do moinho em que Lineu mantém sua máquina. Este, que voltou ao vilarejo após passar um tempo em uma cidade grande, pretende instaurar o progresso no lugar e um de seus objetivos é tirar a grande máquina de Lineu do moinho para usá-lo como um depósito de sementes. Ainda que a terra

de Kenoma pareça infértil, Gerônimo age como se a terra devesse algo a ele e conta com uma grande safra e, claro, lucro.

O que esses três homens têm em comum é a busca por algo nesse vilarejo que exala falta de esperança e, talvez por isso, a história deles se cruza durante a narrativa: Jonas acaba ajudando Lineu na construção da máquina, mesmo sem entender para que ela serve, para conseguir dinheiro, e Gerônimo tenta fazer com que o teimoso Lineu tire de vez sua máquina do moinho.

Entre a história protagonizada por homens, há a mulher que Jonas encontrou no início. Tari (Mariana Lima) é filha de Lineu, cuida da casa, ensina crianças e idosos a escrever e está costurando um vestido igual ao que sua mãe (que foi embora quando a menina era criança) usa em uma antiga fotografia. Ela parece ser a razão do filme. Não tem objetivos utópicos e não está perdida, sabe o que está fazendo mesmo que seja algo aparentemente simples como confeccionar um vestido. Tari e Jonas acabam ficando mais próximos, mas têm um envolvimento que não passa de um beijo. Jonas se deixou levar pelo sonho de Lineu e a máquina se tornou uma vontade dele também, mesmo que no fundo ele ache impossível que esta trabalhe sozinha. Ele não sabe o que quer, mas Tari sim. Quando seu vestido fica pronto ela tem tudo que precisa e, na escuridão da noite, ela parte vestindo a peça, assim como sua mãe. Sem se despedir e sem exigir de Kenoma algo que a cidade não pode dar.

Tari se vai e o tempo acaba: Gerônimo quer seu moinho e está disposto a retirar a máquina de sua propriedade. Numa última tentativa de fazê-la funcionar, Lineu acaba sendo ferido por sua criação. Jonas tem um importante papel no desfecho do filme, pois é ele o responsável por fazer Lineu acreditar, antes de morrer, que sua invenção deu certo, logo antes de ela desmoronar. Lineu perde a vida, Gerônimo perde o amigo de longa data e Jonas volta à estrada em que se aventurava no início do filme após ter perdido a chance de encontrar em Tari o que procurava. Não sabemos o destino de Tari, mas certamente ela não tinha nada a perder no fundo do mundo.

por GÉSSICA GOES